

ISOGRAVURA NA EJA: das experiências no PIBID ao objeto de pesquisa para uma monografia

1

NETO, Leticia Ferreira Torres de Sa Neto ²
COELHO, Marcelo Amaral ³

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo apresentar o desenvolvimento de uma atividade no âmbito do PIBID Belas Artes/UFRRJ e sua potencialidade como tema de pesquisa em monografia. Foi lançado mão de pesquisas exploratórias/bibliográficas/iconográficas e observação participante. Foram utilizados fichamentos, caderno de campo e plano de aula. As análises se deram por meio de leituras, anotações e comparações. A partir das obras realizadas em sala de aula se percebeu na isogravura uma técnica artística de potencialidades epistemológicas, interdisciplinares e transversais. O que pode torná-la um possível tema de pesquisa monográfica. Atendendo, dessa maneira, aos pressupostos do curso de Licenciatura em Belas Artes (UFRRJ) que exige um tema em diálogo com a área do curso e também com ressonância pedagógica e interdisciplinar. Assim sendo, as experiências vivenciadas no PIBID Belas Artes na E. M. das Acácias apontam que a isogravura pode introduzir o conhecimento da gravura em sala de aula de maneira segura; estimular o diálogo com outros conteúdos; e dialogar com outros saberes.

PALAVRAS-CHAVE: Isogravura; PIBID Belas Artes; UFRRJ, EJA.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta como a vivência na escola a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) veio a se constituir em potencial tema de pesquisa. No caso, uma pesquisa de monografia para o curso de Licenciatura em Belas Artes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Tal vivência se deu no cotidiano da Escola Municipal das Acácias, em Itaguaí (RJ), entre fevereiro de 2023 e abril de 2024.

Ali foi possível experimentar a isogravura dentro da Arte como ação educativa libertadora. A oportunidade da regência foi enriquecedora para entender a isogravura como uma potencialidade pedagógica na educação básica - em especial com a turma de Educação Jovens e Adultos (EJA). Nesse contexto, foi aberta a

¹ Essa pesquisa resulta do PIBID com fomento da CAPES.

² Graduanda em Licenciatura Belas Artes, Bolsista PIBID Belas Artes, UFRRJ/Campus Seropédica (RJ), leticiaftdsn@gmail.com

³ Professor Assistente I, Coordenador voluntário PIBID/Belas Artes, UFRRJ/Campus Seropédica (RJ), email: m.a.coelho38@gmail.com.

possibilidade de pensar e pôr em prática uma aula com o viés de Paulo Freire (1981), pensando numa educação política e reflexiva.

Se pensou propor aos alunos a isogravura como forma de expressão visual discursiva. Foi então que se fez uma apresentação conceitual da gravura e sua ramificação na isogravura. Em seguida, os alunos foram levados a refletir sobre si próprios e a realidade que os cercava como ponto de partida de suas histórias visuais. E, por fim, puderam experimentar na prática a produção de uma isogravura sob temática pessoal.

A ligação da oficina de isogravura com a aula que tratava da autora Conceição Evaristo, que em sua arte propõe uma produção sensível e pessoal, trouxe a possibilidade de múltiplos assuntos a serem tratados junto da prática artística. A possibilidade desse diálogo epistemológico, interdisciplinar e transversal impulsionou aprofundar o tema e pensá-lo como possibilidade de pesquisa monográfica.

2 METODOLOGIA

Durante esse processo de vivência no PIBID Belas Artes foi lançada mão de vários tipos de pesquisas, instrumentos e métodos de análises. Inicialmente a vivência na escola se deu por meio da 'visita de reconhecimento'. Depois de conhecer aquele espaço se procedeu à observação participante como forma de inserção contextual. Nas reuniões de grupo, se deram palestras, rodas de conversa, leituras, etc. Após inseridos no contexto da sala de aula chegou o momento da regência de uma aula sob orientação da supervisora, a prof^a Elinete Antunes de Sá do Nascimento.

Então, se partiu para uma pesquisa exploratória por indicação dos orientadores do PIBID pensando alinhar um(a) autor(a) com aqueles conceitos basilares do que se pretendia. Em seguida, se deu a pesquisa bibliográfica que envolveu a leitura de autores como: Ana Mae Barbosa (2022), Paulo Freire (1981), Fernando Alvarez (2017) dentre outros. Somou-se à leitura desse material, o conhecimento adquirido durante o curso das disciplinas de Belas Artes - em especial aquelas pedagógicas e a de gravura.

Foi empreendida uma pesquisa iconográfica com vistas a constituir referenciais visuais que auxiliassem os/as alunos/as ao longo da atividade. As

imagens possibilitaram aos participantes terem acesso às impressões de isogravuras para familiarização. Uma impressão foi realizada diante dos alunos visando tornar visível o processo.

A observação participante, contribuiu para auxiliar no entendimento da sala de aula como, por exemplo: o que funciona melhor para aquela turma; como os alunos podem se interessar e participar ativamente; quem são aqueles alunos/as; e outros mais. Um caderno de campo foi utilizado para as anotações dessas observações que depois foram analisadas mediante comparações e o interpretações.

Para a ministração da atividade foi realizado um plano de aula. Nele foram estabelecidos os objetivos a serem alcançados, a metodologia a ser aplicada, o desenvolvimento proposto e a estratégia de avaliação. O que fez toda diferença, pois, mesmo que não ocorra tudo como o planejado, ter um roteiro traz segurança para lecionar. Todo esse processo foi registrado em relatórios apresentados ao PIBID - esta uma exigência do programa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Da Gravura à Isogravura

Desde o seu surgimento, a gravura se caracterizou por seu potencial de reprodutibilidade. Em razão disso foi amplamente explorada desde a padronagem de tecidos até as páginas de livros, os cartazes, os folders, os anúncios, etc. Dada sua capacidade reprodutiva, considerando os contextos de época, atendia à demanda por comunicabilidade.

A gravura é uma técnica de arte na qual o artista obtém imagens a partir de uma matriz. Alguns a consideram uma arte menor por conta de sua reprodutibilidade⁴. No entanto, os direcionamentos da gravura garantem um grau de originalidade para cada obra impressa - ainda que a matriz seja única. Para isso, é exigido que cada impressão seja numerada a partir de sua ordem e total de impressões. Ex.: 1/10; 2/10... 10/10. (ALVAREZ, 2017).

Nossa história guarda selos cilíndricos e outros objetos utilizados para gravação e/ou carimbos de sinais (primeiras formas de escrita). Também se utilizou

⁴ Vale lembrar que a Monotipia e a Frotagem, classificadas como técnicas de impressão, resultam em obras únicas.

de matrizes de impressão em madeira para estampa de tecidos. Com a invenção da Imprensa, no séc. XV, a gravura ganhou mais evidência. Daí em diante, aos poucos, foi conquistando mais autonomia como obra de arte. O Expressionismo alemão do início do séc. XX lançou mão da gravura como obra de arte autônoma. Entre os anos 1950 e 1970 se deu o boom da gravura (ALVAREZ, 2017). Atualmente, a gravura é uma técnica que conquistou seu lugar na história da arte e seu ensino.

A gravura, se diversificou bastante. Vários são os tipos de gravura. O foco em materiais mais simples e acessíveis dinamizou essa diversificação. A Xilogravura, é aquela em que a imagem é entalhada na matriz de madeira. O resultado final apresenta uma imagem na qual o que foi entalhado permanece branco e o que ficou na superfície na cor da tinta aplicada. Por sua vez, a gravura em metal (água-forte, água-tinta, ponta seca, etc) surge quando o artista encava a placa metálica para criar a imagem. O material acumulado nos encavos é transferido ao suporte (papel) quando a matriz é submetida à prensa. Tem-se ainda a serigrafia (processo de estampagem a partir de uma tela de seda), a linoleogravura (a matriz é uma espécie de emborrachado) e a litogravura (desenho é feito sobre uma pedra e depois transferido ao suporte/papel).

Para as técnicas gráficas mais alternativas temos a monotipia segundo a qual o desenho é realizado com tinta sobre uma superfície e depois o papel é apoiado sobre a mesma para 'resgate' da imagem. A papelogravura implica a colagem de papelão formando a imagem a ser entintada e depois transferida ao papel. O mesmo procedimento pode ser feito com EVA. O encavo sobre placas de acrílico pode resultar em impressões similares àquelas feitas em metal. Assim como, as caixas de tetrapak também se aproximam da gravura em ponta seca. Por último, a isogravura que se utiliza de isopor como material para a realização de matrizes.

A isogravura é uma técnica alternativa de gravura que muito se assemelha à xilogravura. O procedimento é o mesmo mudando apenas os materiais. Na isogravura, o artista faz o desenho em uma matriz de isopor que pode receber o encavo a partir de uma caneta ou de entalhe com um estilete. Feito isso, se procede ao entintamento da matriz e sua conseqüente impressão sobre o papel. Não se sabe ao certo quando se deu o surgimento da isogravura - ainda falta uma referência que comprove isso. O que se sabe é que a técnica tem um potencial artístico, pedagógico e transversal muito grande. Isso sem contar a acessibilidade, já que se trata de um material de fácil aquisição (NETO *et al.*, 2023).

3.2. A experiência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)

No Brasil, temos os cursos de licenciaturas destinados à formação de docentes para atuação pedagógica. O objetivo é que os discentes saiam da universidade prontos para pôr em prática a docência, em especial, nas escolas. Mas, a verdade é que nem todos conseguem, mesmo após se formarem, ter a segurança para entrar em sala e ministrar aulas referentes à sua disciplina. Claro que outros fatores - inexperiência, falta de oportunidades, etc - concorrem para essa insegurança. Mas, para efeito de reflexão nesse texto, vale pensar a dimensão prática da atuação docente enquanto parte da formação licenciada.

O PIBID vem para auxiliar os discentes na inserção no contexto escolar, conforme o art. 2º, da Portaria nº 83:

O PIBID tem por finalidade proporcionar a inserção no cotidiano das escolas públicas de educação básica para os discentes da primeira metade dos cursos de licenciatura, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior (BRASIL, 2022)

De forma ativa durante o programa, o/a bolsista tem contato direto com o preparo de aula e sua execução na escola; palestras; rodas de conversa; e a escrita de artigos preparando também aos que pretendem seguir para o caminho da pesquisa. No geral, o PIBID vem sendo uma experiência enriquecedora para o contato com a sala de aula e a prática docente. Essa vivência na escola tem contemplado aulas-passeios, atividades práticas... Várias formas de ensino que fogem ao modelo tradicional de educação.

A escola na qual o programa atuou foi a E. M. das Acácias, localizada em Itaguaí (RJ). Apesar de ser um local urbano, o bairro se encontra afastado do centro, trazendo também uma aparência rural ao lugar. A escola funciona durante os três períodos: manhã, tarde e noite. A opção da vivência se deu pelo turno da noite, em que funcionam as turmas da EJA. Essa modalidade de ensino, na escola, contempla jovens a partir de 15 anos para o ensino fundamental. Assim, atendendo àqueles que não conseguiram concluir seus estudos na idade adequada. As turmas de EJA

contempladas com o PIBID, foram as turmas de terceira (sexto/sétimo anos) e quarta (oitavo/nono anos) etapas.

Dentre as atividades propostas aos bolsistas do PIBID está o desafio da regência de uma aula de Arte sob direcionamento dos coordenadores e da professora supervisora. Foi então que se pensou uma oficina de isogravura com a turma da EJA/Terceira Etapa. A ideia dessa oficina surgiu a partir da observação quanto à baixa participação nas aulas mais teóricas⁵ - apesar da professora regente utilizar de recursos mais práticos para ‘trazê-los’ para aula.

Os alunos, em suas últimas aulas, estavam estudando a autora Conceição Evaristo, na qual foi uma potência literária que traz em suas obras um acolhimento à comunidade negra, com um protagonismo da mulher.

A professora regente havia apresentado as obras de Evaristo e alguns conceitos sustentados pela autora. Dentre eles, aquele da ‘escrevivência’, em que a junção das palavras ‘escrever e vivência’ falam sobre ancestralidade, pertencimento, bagagens, vida... (EVARISTO *apud* NETO *et al.*, 2023). Escreveu Evaristo (2020, p. 29), sobre a potência da escrevivência: “Na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia de sentidos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica”. Foi a partir da ideia de ‘sentido gerador’ que se pensou a possibilidade da ‘escrevivências por imagens’ (NETO *et al.*, 2023).

Pensando o potencial simbólico e significativo da ‘escrever’ pela imagem foram apresentados os conceitos de gravura, xilogravura e isogravura. Se fez uma contextualização dos procedimentos para realização de uma isogravura - criação do desenho no papel, transporte à matriz de isopor, encavo com a caneta, entintamento e impressão. Foi feita também a proposta de trazer para o desenho sua própria ‘escrevivência’, ou seja, um pouco da sua jornada e memórias. Foi surpreendente ver os alunos se interessando em participar. O que era para ser feito apenas uma vez deixou pedidos para que se repetisse o processo em outro momento.

Diante desses resultados é interessante pensar a isogravura como uma prática pedagógica potencializadora para o trabalho com uma turma da EJA. A exploração da isogravura em sala mostrou que a aula de artes é para além de um

⁵ É importante ter em vista que os alunos da EJA, em sua grande maioria, percorrem grandes jornadas de trabalho durante o dia, o que dificulta sua atenção à noite, no horário das aulas. Talvez isso tenha contribuído para tal dificuldade...

momento de recreação e suas atividades contribuem para despertar nos alunos o senso de identidade, de pertencimento cultural e responsabilidade social. Quando pensamos nos alunos de uma turma de adultos é importante entender que os mesmos trazem suas bagagens culturais para dentro de sala e tudo isso deve ser utilizado para o aprendizado mútuo. A ‘escrevivência’ do que se encontra nessa bagagem a partir das imagens não pode perder de vista que “linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 1981, p. 03).

3.3. Isogravura em sala de aula: Objeto de pesquisa

O documento que rege a produção monográfica no curso de Belas Artes prevê que a pesquisa trate de algo específico de Artes, áreas afins ou interdisciplinares. Seja qual for a opção há que se estabelecer um diálogo com a educação. Em parágrafo único, quanto à “Estrutura da monografia”, *do Regulamento Atividade Acadêmica “Monografia I” (AA051) E “Monografia II” (AA052)*, consta:

O conteúdo da monografia deverá versar sobre o tema da área de conhecimento do curso, áreas correlatas ou interdisciplinares recomendando-se a articulação com a área pedagógica, podendo incluir uma reflexão acerca do fazer artístico do discente. As atividades desenvolvidas nos Núcleos de Ensino, Pesquisa e Extensão do curso poderão auxiliar na elaboração dos projetos de monografia (UFRRJ, 2009).

A opção pela isogravura e sua inserção em sala de aula como objeto de pesquisa pode se constituir um tema pertinente à área de conhecimento do curso de Belas Artes. O percurso de pesquisa exploratória revelou uma lacuna de pesquisa que pode ser preenchida. A técnica é bastante explorada em sala de aula, mas pouco se reflete sobre sua origem, processos e resultados. Figueira e Araújo (2015, p. 347) disseram: “[os] arte-educadores têm poucas referências bibliográficas sobre a isogravura, contudo, muito se tem utilizado dessa técnica nas aulas de Artes Visuais”.

Tais experimentações no PIBID apontaram um potencial pedagógico epistemológico, interdisciplinar e transversal. No caso específico deste artigo há a interdisciplinaridade com a literatura, mas a isogravura abre espaço para falar de sustentabilidade e outros mais. Sem contar a possibilidade de levar para a sala de

aula o conhecimento do fazer artístico da xilogravura de maneira segura, já que não há a necessidade do uso de goivas e tintas à base de óleo.

A isogravura se enquadra como prática artística e criadora. Sua definição compreende uma “técnica de reprodução de imagens cuja matriz é o isopor” (COELHO, 2023). Seu procedimento de criação consiste em: pesquisa de imagens; estudo preparatório; transporte imagem à matriz; reforço linear; encavo linear; prova linear; encavo de áreas; prova de áreas; prova de artista; e impressão. O processo de assinatura é o mesmo da xilogravura: margem esquerda indicativo de impressão, ao centro o título e na margem direita a assinatura/ano - isso sem extrapolar a mancha gráfica e utilizando um lápis. Mas também é prática política em um sentido cultural e libertador quando o aluno é o sujeito do conhecimento.

A pesquisa em torno da isogravura em sala de aula possibilita pensar a educação como ação política (FREIRE, 1981). Quando Freire ressalta a importância de trazer os elementos de alfabetização para a realidade do educando, entende que esse grupo já possui seus saberes e conhecimentos em “leituras de mundo”, principalmente se tratando da EJA, mesmo que não tenham a leitura da palavra. Ainda que não sejam letrados na escrita da palavra, podem escrever suas histórias pela vivência no cotidiano.

A educação no seu contexto libertador deve ter a função para além da simples transmissão de conhecimento. É dever das práticas educativas propor a reflexão quanto às verticalizações sociais: “Não [pode] ser possível pensar, sequer, a educação, sem que esteja atento a questão do poder” (FREIRE, 1981, p. 10). É preciso que se incentive o pensamento crítico do aluno entendendo que os mesmos fazem parte da história, possuem direitos dentro da sociedade e a compreensão disso deve ser mútua. Quando o educador entra em sala de aula deve entender que não é porque está ali como ‘responsável’ pelo saber que é dele a única fonte de conhecimento do espaço. A educação libertadora não pode aceitar a prática autoritarismo.

Então, a isogravura, enquanto prática criadora e libertadora, através da produção de imagens, pode dar voz àqueles que a praticam. A ‘escrevivência’ proposta a partir das imagens é a criação de imagens que discursam sobre a visão de mundo de seus criadores. Dada suas características de fácil acesso, a isogravura se constitui em alternativa para a educação enquanto ação política. A pesquisa em

torno da isogravura suscita possibilidades de identificar discursos em primeira pessoa que expressem identidades, opiniões, sonhos, etc.

Quanto aos conhecimentos próprios à área das Artes, a isogravura comporta a articulação de vários deles. Segundo Alvarez (2017), a gravura - compreendendo a isogravura - sempre esteve próxima do desenho; seja pelo suporte (papel) quanto pela gestualidade (ação manual) e pelos elementos visuais (linha e contraste de áreas). No entanto, propondo ampliar a reflexão, se pode pensar a isogravura a partir de três áreas artísticas: o desenho (linhas e áreas); pintura (uso da tinta); e a escultura (os encavos e entalhes). A articulação desses elementos e a materialidade é que permitirão a construção dos discursos visuais de seus criadores.

Para a prática da isogravura em sala de aula se pode recorrer à Abordagem Triangular, de Ana Mae Barbosa (2022). A abordagem trabalha em três partes: observação/leitura, contextualização e a produção. Escreveu Barbosa (2022, p. 03): “Se pretendemos educar para uma leitura do mundo, como dizia Paulo Freire, será preciso considerar de igual importância a leitura verbal e a leitura de imagens, (...)”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência na E. M. das Acácias, enquanto parte integrante do PIBID, proporcionou experiências humanas, pedagógicas, formativas e científicas. Os dias vividos naquele ambiente trouxeram um olhar diferente para com aqueles alunos. Fez nascer o interesse pela docência como contribuição social - não somente de ensino-aprendizagem de conteúdos. Um interesse que coopera no aperfeiçoamento para a formação docente. Ao propor àqueles alunos explorarem a isogravura, dado suas potencialidades, surgiu o interesse por aprofundar a pesquisa em torno do tema. Potencialidades estas que dizem respeito às áreas epistemológicas, interdisciplinares e transversais. Apontando a possibilidade de introduzir o conhecimento da gravura em sala de aula de maneira segura; estimulando o diálogo com outros conteúdos; e dialogando com outros saberes. Ainda mais por conta da existência de uma lacuna de pesquisa no que tange à isogravura. Por tudo relatado até aqui, a isogravura pode partir das experiências no PIBID para se constituir em objeto de pesquisa para uma monografia.

5 AGRADECIMENTOS

Gratidão à CAPES pela oportunidade de fazer parte do PIBID e vivenciar todas aquelas experiências; à UFRRJ pela chance de cursar uma graduação; aos coordenadores pela orientação, apoio e incentivo; e aos colegas bolsistas pela parceria.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Fernando. **Gravura**. Vitória: UFES, 2017. Disponível em: <https://acervo.sead.ufes.br/arquivos/gravura.pdf>. Acesso em: 31 de agosto de 2023.

BARBOSA, Ana Mae. Leitura de imagem e contextualização na arte/educação no Brasil. Porto Alegre. **Revista GEARTE**. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação/Fundação CAPES. Dispõe sobre o regulamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). **Portaria nº 83**. Brasília, 2022, Ed. 79, Seção: 1, p. 45, 28 de abril de 2022. Disponível em: <https://in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-83-de-27-de-abril-de-2022-395720096>. Acesso: 31 de ago de 2023

COELHO, Marcelo A. **Isogravura**. 2022. PDF.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabella R. (Orgs). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Ilust. Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 26-47, 2020.

FIGUEIRA, Marcele Socorro de Almeida e ARAÚJO, Dayana Soares. Isogravura enquanto meio pedagógico para o ensino de artes visuais no ensino médio. In: XXV CONG. NAC. DA FED. DE ARTE EDUCADORES DO BRASIL/ III CONG. INT. DA FED. DE ARTE EDUCADORES. **Políticas públicas e o ensino de arte: entre a formação e a ação em artes visuais, dança, música e teatro**. Fortaleza (CE), 5 a 9 de nov de 2015, p. 344-349. Disponível em: <https://docplayer.com.br/28972222-Isogravura-while-teaching-means-for-the-teaching-of-visual-arts-in-elementary-education.html>. Acesso em: 20 de jun de 2022.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. edição 21. São Paulo. Cortez Editora. 1981.

NETO, Leticia Ferreira Torres de Sá *et al.*. A isogravura como 'escrevivências por imagens' na E. M. das Acácias através do PIBID. **Anais do IX ENALIC...** Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/104689>. Acesso em: 20/02/2024 09:09

UFRRJ. Inst. de Ciência Humanas e Sociais. Departamento de Artes. **Regulamento Atividade Acadêmica “Monografia I” (AA051) E “Monografia II” (AA052)**. Seropédica (RJ), 2009.